

A AGRESSIVIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR: UM ESTUDO ANALÍTICO EM DUAS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS EM REGIÕES PERIFERICAS DE SALVADOR-BA

Daiane da Luz Silva¹

1. Pedagoga e Especialista em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação pela Universidade do Estado da Bahia/UNEB
dai_luz@hotmail.com

Data de recebimento: 12/09/2011 - Data de aprovação: 15/10/2011

RESUMO

O presente artigo apresenta um estudo sobre a agressividade infantil no âmbito escolar. Tem como finalidade analisar as causas e repercussões da agressividade na formação do indivíduo, baseado em estudos psicanalíticos sobre a agressividade. Faz uma análise sobre as causas das reações agressivas, a maneira como esta questão é trabalhada nas escolas, para tentar desenvolver reflexões sobre os possíveis fatores que potencializam a ação agressiva e a promoção de uma educação para a paz. O eixo central desta pesquisa dá ênfase à importância da escola e das ações educativas na redução dos atos agressivos. A metodologia neste trabalho é a pesquisa qualitativa, dando enfoque às relações interpessoais no ambiente escolar, utiliza-se também a pesquisa bibliográfica e os instrumentos de pesquisa - questionários e observação direta - aplicados em turmas de séries iniciais, em duas instituições escolares, situadas em Salvador-Ba, em localidades periféricas distintas.

PALAVRAS-CHAVE: Agressividade, educação, relações interpessoais

AGGRESSIVENESS IN THE SCHOOL EVERYDAY: A CASE STUDY IN EDUCATIONAL INSTITUTIONS IN TWO REGIONS OF PERIPHERAL SALVADOR-BA

ABSTRACT

This article presents a study on the aggressiveness of the child within the school. Its purpose is to analyze the causes and consequences of aggression in the formation of the person, It's based on the psychoanalytic studies on aggression. It makes an analysis of the causes of the aggressive reactions, the way this issue is worked in schools, to try to develop reflections on the possible factors that enhance the aggressive action and the promotion of education for peace. The central focus of this research emphasizes the importance of school and educational activities in the reduction of aggressive acts. The methodology in this project is qualitative research, focusing on interpersonal relationships in the school environment, it is also used research bibliographic and research instrument - questionnaires and direct observation - applied in the classes of primary school in two educational institutions, located in Salvador-Ba, in distinct peripheral locations.

KEYWORDS: Aggressiveness, education, interpersonal relationships

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas o fenômeno da violência tem se manifestado com frequência na sociedade brasileira. Contudo, a violência não está associada exclusivamente à criminalidade. Ela está presente nas desigualdades, no autoritarismo, no desrespeito às diferenças e aos direitos do outro, quando as condições de vida social não favorecem o desenvolvimento e a realização pessoal, levando os indivíduos à busca de mecanismos destrutivos. Expressa-se nos diversos níveis sociais e não se restringe apenas à população menos privilegiada. Pode estar presente no interior das famílias, nas ruas, na escola e aparece de forma explícita nos meios de comunicação de massa, que trazem como consequência a banalização da violência.

A violência torna-se mais preocupante ao ganhar espaço dentro das escolas, à medida que passa a interferir nas relações interpessoais, pois se a instituição escolar é considerada um espaço onde ocorre a continuidade do processo de socialização iniciado pelas famílias, então as práticas escolares devem proporcionar uma educação de qualidade, fazendo-se necessário a adoção de estratégias que promovam uma educação para a paz e conseqüentemente reduza a agressividade dentro do ambiente escolar.

O interesse pelo tema que norteia este trabalho justifica-se por meio de um posicionamento crítico diante do problema da agressividade infantil no cotidiano educacional. Surgiu durante as experiências docentes nas escolas públicas e comunitárias na região periférica da cidade de Salvador-Ba. A partir das observações em sala de aula foram constatados os comportamentos agressivos de algumas crianças, que em qualquer desentendimento utilizavam a agressão verbal e/ou física. Essas agressões geralmente se manifestavam em discussões ou brigas, sendo mediados pelos agentes escolares (funcionários, professores, coordenação e direção) que sem conseguir distinguir os fatores presentes em cada caso, não propunham projetos para desestruturar as causas da agressividade, ou seja, a prevenção.

É notório que as reações agressivas são inevitáveis, segundo FROMM, (1982), a agressividade é inerente ao ser humano, mas deve haver medidas educacionais de combatê-la e a escola é o ambiente propício para tais medidas. Usando estratégias de prevenção poderá ser menos necessário recorrer a ações de intervenção. De acordo com ALVES (2000), *“uma estratégia de prevenção mostra-se sempre mais eficiente do que ações de intervenção posteriores aos acontecimentos indesejáveis”*, e oferecer condições para que os alunos reflitam sobre os fatores que contribuem para o aumento da violência como drogas, a violência veiculada na mídia e a falta de limites podem mudar a própria realidade.

Agressividade, Agressão, Violência e Educação para a Paz

A maneira de reagir frente à agressividade varia de acordo com os diversos tipos de sociedade ou cultura aos quais o indivíduo pertence, pois cada grupo social tem suas normas, regras de convivência, valores e tradições, assim sendo, algumas manifestações agressivas são aceitas e outras podem ser proibidas. Nas sociedades ocidentais, por exemplo, por ter como uma de suas características a competição, a agressividade costuma ser tolerada e receber estímulos, quando esta vale como

sinônimo de determinação, ambição, ou coragem. Mas é impedida, reprimida ou punida quando identificada como atitude de hostilidade ou sentimento de cólera (CORSINI, 2004).

Porém, para analisar os dados obtidos nesta pesquisa é preciso partir do princípio que diz: *“todos os seres humanos, assim como os animais trazem consigo um impulso agressivo e nato necessário à sobrevivência da espécie”*. (LORENZ citado por FROMM, 1982). Por este motivo, a agressividade é um componente emocional que faz parte, necessariamente da afetividade dos indivíduos. É uma manifestação natural.

Agressividade pode ser compreendida como uma ação simbólica que acontece para desconstruir e construir conhecimentos que possibilitam a aprendizagem, faz parte da vida das crianças. Elas batem umas nas outras, choram, tiram brinquedo dos colegas, discutem. A agressão pode ainda manifestar-se em desenhos, no relacionamento com os colegas, ou até mesmo nos cadernos ou em outros materiais escolares (ROST, 2004).

FERNANDEZ citado por ROST (2004) afirma que: a agressividade é um possibilitador da aprendizagem. Segundo ele, um indicador de risco seria a agressão, que é considerada como uma atuação agressiva que não traz conhecimento: são as brigas que podem gerar grandes violências. Além da agressividade e da agressão, existem também os atos agressivos que tem relação com agressão e podem ser definidos como machucar: fisicamente ou moralmente, podendo ser considerada como violência física.

A violência é compreendida como um problema grave, pois fere a integridade física e psicológica dos indivíduos (FROMM, 1982).

Um outro ponto relevante para ser analisado no que diz respeito ao comportamento humano, é que o ser humano como um ser social está envolvido nas relações em grupo de modo que seu comportamento é direcionado não apenas pelo aprendizado, como também de acordo com um caráter social. Conforme FROMM (1982), o caráter social baseia-se na compreensão de que cada sociedade ou classe social precisa utilizar a energia humana para o funcionamento da própria sociedade.

No enfoque psicanalítico, afirma-se que a agressividade é constitutiva do ser humano e, ao mesmo tempo, a cultura e a vida social tem a função de controlar os impulsos destrutivos, essa função ocorre no processo de socialização. A partir dos vínculos estabelecidos entre o indivíduo e os demais, espera-se que ele passe a internalizar os controles de seus impulsos (FROMM, 1982).

Uma outra concepção sobre a questão da agressividade é dada por CHAGAS (1999). Ele conceitua agressividade como sendo:

A agressividade é um elemento legítimo da estrutura e da vivência humanas, e que se articula na afetividade de todos nós, sendo natural e necessária para a nossa sobrevivência. Esta agressividade (...) orienta-se no sentido do equilíbrio do organismo com o meio, do homem com o mundo, e este equilíbrio acaba por construir uma aprendizagem constante rumo a socialização e humanização do indivíduo.

Equilíbrio tão necessário para a construção de uma convivência pacífica e para a manutenção das relações entre as pessoas, resolvendo os conflitos de forma harmoniosa e afetiva através do respeito e da tolerância. Este é um passo que se considera importante para por em prática, ações que levam a uma educação para a paz.

Educar para a paz é um processo dinâmico, contínuo e permanente, fundamentado nos conceitos de paz e na perspectiva criativa do conflito, que pretende desenvolver um novo tipo de cultura – *a cultura da paz* – que ajude as pessoas a olharem criticamente a realidade para poderem situar-se diante dela e por conseqüência, agir. (JARES, 1999, citado por JARES, 2002). Como resultado, a educação para a paz poderá promover uma paz que não se restrinja ao ambiente escolar, mas que possa envolver de tal maneira os atores envolvidos que transcenda os muros das escolas e difunda-se nos ideais de solidariedade, e respeito à alteridade contagiando todas as relações sociais.

Desta forma, a educação para a paz poderá ser promovida a uma cultura da paz que de acordo com ATAÍDE (2000), deve ser um movimento e uma ideologia que eduquem crianças e adultos, formando pessoas tolerantes, compreensivas e dialógicas que tenham a habilidade de promover o entendimento e fazer concessões na construção comum e solidária de uma realidade democrática com igualdade de oportunidade para todos.

A Agressividade no Contexto Escolar

O papel da escola é criar condições propícias para a ampliação de competências e de aprendizagem de conteúdos imprescindíveis à vida em um ambiente social, proporcionando instrumentos que possibilitem o entendimento da realidade e a participação dos alunos em relações sociais, afetivas e políticas, cada vez mais amplas. Portanto o processo educacional deve ter uma função integradora das experiências vivenciadas pelo aluno, propiciar-lhe situações bem-sucedidas de aprendizagem, favorecendo a expansão de suas habilidades, para que possa modificar a sua própria realidade (ÁVILA, 1997).

Ao ingressarem na escola as crianças poderão ter a possibilidade de alargar seus conhecimentos, adquirir novos hábitos e costumes, conviver com as diferenças étnicas, sociais, econômicas e culturais, desenvolver sua identidade e sua autonomia por meio das interações sociais, e dependendo da forma que a aprendizagem for conduzida, elas irão perceber a diversidade, valorizando suas características, respeitando o outro em suas diferenças. Contudo, o dever das instituições de ensino é proporcionar condições para que as crianças percebam as diferenças e as valorizem, descobrindo e resignificando novas concepções, valores, crenças, idéias, e papéis sociais (BRASIL, 1998).

As escolas têm sido um dos espaços onde a violência tem lugar. Fator que vem preocupando muitos educadores, pois as situações de conflito vêm interferindo na vida escolar das crianças e jovens. São vários os fatores que podem permitir que este problema tenha lugar nas instituições escolares. Por exemplo, quando as crianças carecem de modelos pró-sociais. Para tomar como exemplo, o desemprego e a pouca perspectiva de um futuro estável e produtivo. O próprio bairro pode tornar-se um cenário de violência, quando a violência das gangues alastra-se na forma de conflito de território, criando formas de insegurança (BOCK, 1997).

Considerando a imensa variedade de valores sociais que envolvem a análise das atitudes assumidas por uma criança, torna-se evidente a dificuldade de avaliar se uma criança é agressiva ou violenta. É preciso, antes de tudo, considerar os fatores culturais que orientam a opinião dos professores. Para tanto, a relação escola x família se faz necessária, pois não há como promover a redução de ações agressivas no cotidiano escolar se a família não ajudar os agentes escolares

nessa tarefa. Com a união dessas duas instituições poderão ser encontradas respostas para a questão da violência.

A família tem grande influência na formação da personalidade da criança, através do vínculo, da interação entre os membros da mesma família. Conforme OLIVEIRA, (1999), a família é o espaço político, cognitivo e afetivo em que a criança erguerá as primeiras referências sociais. Portanto, os eventuais desajustes entre os pais e o modelo educacional doméstico que o indivíduo vivencia poderá caracterizar seu caráter. Para BALLONE, (2004),

“a televisão, os videogames, a escola e a situação sócio-econômica podem ser os elementos ambientais relacionados à conduta agressiva. Embora esses três fatores (individuais, familiares e ambientais) sejam inegavelmente influentes, eles não atingem todas as pessoas por igual e nem submetem todos à mesma situação de risco”.

Ao ingressar na escola, a relação professor x aluno e a convivência escolar tornam-se mais complexas que os relacionamentos familiares, porque o aluno precisa adaptar-se as exigências do professor e cumprir horário. Então a criança necessita aprender a conviver e se comportar em grupo. Em consequência disso, algumas vezes, aparece o medo de não corresponder às expectativas do grupo, causando um sentimento de inferioridade, que pode gerar repetidos insucessos nas suas atividades. A criança, na tentativa de ser aceita ou para se defender das rejeições, poderá desenvolver um comportamento inadequado, resultado de suas frustrações ou insatisfações, como manifestações de agressão verbal ou física. Porém, existem algumas carências de atitudes que não favorecem a educação para a paz. Entre elas estão:

- Falta de limites;
- Professores desqualificados;
- Falta de incentivo à cultura de valores;
- Punições ou penalidades sofridas por alunos agressores;
- O comportamento dos alunos em resposta as punições e
- A relação escola x família diante do problema da violência.

A falta de limites ocorre quando o aluno não é conscientizado sobre seus atos agressivos, quando desconhece ou apenas não obedece às regras estabelecidas pela instituição. Isso pode ser decorrente do despreparo dos professores para lidar com a questão da violência, por não ter uma política de capacitação que leve a eficácia de atitudes na negociação dos conflitos. Ao invés disto, há transferência de responsabilidades (professores para diretores, escola para família ou vice e versa).

Soma-se a isto, a falta de incentivo de valores morais e éticos, como respeito às diferenças e a solidariedade tão necessária para a formação do caráter dos indivíduos, e muitas vezes, são omitidos pelas escolas que se preocupa mais em passar conteúdos do que desenvolver cidadãos críticos capazes transformar a realidade em que vivem e investir em uma vivência harmônica com os demais.

Segundo os ideais de educação propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a questão da violência deve ser trabalhada de forma transversal aos conteúdos escolares, objetivando “(...) que os alunos possam desenvolver capacidade de posicionar-se diante das questões que interferem na vida coletiva, superar a indiferença, intervir de forma responsável.” (BRASIL, 1997, p. 31).

De acordo com os PCNs (BRASIL, 1997), a agressividade humana e a condutas violentas decorrem de fatores sociais, de contextos culturais e de sistemas

morais. Portanto, a violência não pode ser concebida como característica individual, mas como um problema social diretamente ligado à justiça.

Apesar disso, a democracia empregada como um regime político e um instrumento de convívio social que se dispõe a tornar viável uma sociedade composta de pessoas distintas entre si, pode possibilitar a convivência pacífica numa sociedade pluralista, onde haja a expressão de diferentes opiniões e concepções (BRASIL, 1997).

Os PCNs (BRASIL, 1997), quando aborda o tema Ética, indicam alguns conteúdos a serem trabalhados não somente quando surgirem conflitos ou manifestações agressivas, mas de forma transversal. Devem ser conteúdos trabalhados de maneira permanente e constante. Entre eles estão:

- o uso e valorização;
- a coordenação das ações por meio de trabalho em grupo;
- o ato de escutar e compreender o outro;
- a adoção de atitudes cooperativas.

Para desenvolver a atitude de valorização do diálogo, esclarecer e superar conflitos, é necessário que, cada vez que um conflito apareça, se empregue o diálogo para discuti-lo e resolvê-lo. É importante que as crianças e jovens construam valores morais e éticos, sabendo que todos são dignos de ouvir e serem ouvidos mesmo que se discorde das atitudes ou das idéias do outro. Todavia, o diálogo somente poderá funcionar como instrumento de combate à agressividade se as pessoas envolvidas souberem respeitar-se mutuamente. O respeito deve ser um conteúdo discutido em todos os momentos que houver conflitos para que não se pratique a injustiça, o preconceito e a discriminação.

Nessa perspectiva, o professor deverá estar consciente que seu papel na escola é o de proporcionar para seus alunos um ambiente agradável, onde as relações humanas possam estar envolvidas num clima pacífico e harmônico. Porém, sozinhos os docentes não poderão construir um espaço propício para a promoção da paz. Será preciso pensar junto com os alunos, diretores, funcionários e pais, os meios de sanar ou reduzir a agressividade. Através da negociação e da tolerância é que a escola poderá resolver os conflitos.

Por conseguinte, é preciso criar práticas organizacionais e pedagógicas que tenham enfoque na realidade das crianças, de acordo com a necessidade delas. Para que possa haver um ambiente favorável onde as crianças se identifiquem com o espaço escolar, sem perder a autonomia e respeitando a diversidade.

A Lei nº 8.069/1990 que rege o Estatuto da Criança e do Adolescente, 2002, em seu Art.4º, diz que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária.

A lei deixa claro que a educação não é uma responsabilidade somente da escola, assim como todas as outras questões intrínsecas ao bem estar humano, para que as relações sociais se desenvolvam conforme os ideais de justiça, igualdade e liberdade de expressão, a fim de que a escola seja orientadora e não

repressora, e de modo que se consiga trabalhar a agressividade das crianças e jovens a fim de não permitir que tais manifestações venham a tornar-se violentas e prejudicar o processo de ensino-aprendizagem.

Precisa-se que todos estejam envolvidos e comprometidos. Desse modo, cabe a família, comunidade escolar e a comunidade a qual a escola está inserida, e ao poder público o comprometimento com a difusão de uma educação para a paz.

METODOLOGIA

Para escolher as técnicas de pesquisas mais adequadas para o tema em questão, tomou-se como aspecto para diagnóstico, a relação professor x aluno, a relação aluno x aluno, a relação escola x comunidade e relação escola x família.

Para analisar a maneira como esta relação educando x educador acontece no ambiente escolar foram eleitos como instrumentos de registro de dados: a observação e o questionário.

Foram pesquisadas as opiniões de diversos autores sobre o problema da agressividade infantil no cotidiano escolar e algumas propostas existentes que levem a redução dos atos agressivos e conseqüentemente a promoção da paz. Os instrumentos questionário e observação direta foram aplicados em uma escola municipal e uma escola comunitária. A observação foi realizada uma turma de CEB II, e em duas turmas de 1ª série.

Na escola municipal e comunitária os questionários foram preenchidos pelos docentes das turmas de CEB a 4ª série.

Para analisar os dados obtidos com os instrumentos nessa pesquisa foram eleitas algumas categorias:

Caracterização dos conflitos

- Procedimentos adotados para a redução dos conflitos
- Relação escola x comunidade
- Relação escola x família
- Relação aluno x aluno
- Relação professor x aluno

- **Caracterização dos conflitos**

Dentro das questões contidas nos instrumentos sobre esta categoria foram encontrados os seguintes dados:

– Conflitos freqüentes no dia a dia escolar:

Agressões físicas, entre alunos, agressões verbais (xingamentos, ofensas, discriminações e humilhações) contra alunos, funcionários e professores, depredações do patrimônio, com danos aos equipamentos, janelas, iluminação, banheiros e outras dependências. As depredações têm freqüência de mais de uma vez por mês, conforme o quadro de caracterização do objeto de pesquisa:

QUADRO I - Caracterização do objeto da pesquisa

Frequência dos conflitos	Frequente / muito frequente
Tipos de conflitos	Brigas e discussões
Tipos de agressões	Física e verbal (xingamentos, ofensas, discriminações e humilhações)
Frequência das depredações	Mais de uma vez por mês
Procedimentos / atitudes para reduzir os conflitos	Diálogo
Nível de agressividade das turmas	Muito agressivos / agressivos
Relação dos pais gente ao problema	Indiferentes
Faixa etária dos alunos	7 a 15 anos
Tipos de punições ou penalidades	Não há (apenas uma professora admitiu suspender as aulas do aluno agressor por até 3 dias).

- **Procedimentos adotados para a redução dos conflitos**

Como resultado dos questionários, observa-se dentro das questões pontuadas, um consenso nas respostas. O diálogo foi eleito como principal e único procedimento utilizado para coibir as agressões. Deste modo, quando ocorre uma situação de conflito, procura-se dialogar mostrando que as agressões não são atitudes adequadas para se resolver um conflito, que a melhor solução é procurar resolver as diferenças através do diálogo.

- **Relação escola x comunidade**

Conforme as respostas obtidas no questionário, a comunidade na qual está inserida a escola municipal, não participa das atividades escolares, tampouco esta envolvida com os problemas da escola. Manifesta-se a necessidade de uma integração da escola com a comunidade para que juntas possam desenvolver medidas para combater a violência.

Contudo, na escola comunitária, a família, parentes, amigos e vizinhos dos alunos estão envolvidos com a escola, porque a maioria frequenta a associação e participa dos projetos desenvolvidos por ela.

- **Relação escola x família**

De acordo com os dados, acredita-se que a escola e a família devem trabalhar em conjunto para promover a educação das crianças. Contudo, na escola pesquisada os pais ou responsáveis sempre são informados sobre o comportamento agressivo dos filhos, porém, mantêm-se alheios aos problemas dos filhos na escola, mesmo quando são convocados pelos professores, ou direção. Muitos se mostram indiferentes.

Segundo a resposta de uma professora, os alunos sofrem agressões domésticas e os pais dizem que o comportamento deles é natural e não sabem o que fazer para mudá-los. Outros acham que os filhos não têm problemas ou não querem se preocupar com problema dos filhos na escola. Um dos principais problemas enfrentados pelos docentes, é a falta de apoio da família dos alunos.

- **Relação aluno x aluno**

Durante a observação na escola municipal, os alunos não pareciam agressivos, salvo dois momentos de conflito entre eles.

Com o questionário constatou-se que nas outras turmas os alunos brigam, ofendem-se constantemente havendo falta de respeito, solidariedade e compreensão entre eles, segundo alguns professores, esta atitude reflete os valores que a família não oferece para a criança. Muitos alunos são oriundos de famílias desestruturadas.

- **Relação professor x aluno**

A relação professor x aluno é conflituosa pela falta de respeito dos alunos por estes profissionais. Segundo os docentes a família não impõe limites e ao ingressar na escola o aluno comete as mesmas atitudes que vivenciam no lar ou descarregam nos colegas, as violências sofridas no ambiente doméstico. As principais dificuldades enfrentadas pelo professores são: falta de apoio dos pais, falta de interesse dos alunos, brigas e desentendimentos entre alunos.

Quando questionados sobre as estratégias pedagógicas propostas para reduzir a agressividade foram relatados a necessidade de palestras, cursos, seminários, oficinas e atividades extraclasse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ambiente escolar para que as relações interpessoais sejam saudáveis é preciso que os professores, alunos, funcionários, família e comunidade trabalhem juntos, cooperando para melhorar a qualidade na educação.

Para CLAIRE, (1989), as escolas atuais seguem um padrão de educação apático e autoritário, e indica como um modelo a ser seguido, quanto ao combate a violência, a Pedagogia Institucional que se baseia na formação de uma classe cooperativa criada por Freinet, nesta classe há um conselho cooperativo da turma, que se fundamenta nas funções legislativas, executivas e econômicas, constrói-se junto com os alunos as leis e visa-se levar os alunos a refletir sobre as questões legislativas e executivas ligadas a qualquer trabalho. Ao conselho cooperativo cabe examinar as coisas e implicâncias dos detalhes assim como o suposto poder do professor. O instrumento principal para tanto seria o diálogo.

Ao contrário da pedagogia tradicional, a institucional não exclui a violência que o estabelecimento de uma ordem traz consigo. Procura dar um outro destino, ao invés de excluir procura-se adequar conteúdos (CLAIRE, 1989). Porém, acredita-se que apenas adaptar os conteúdos não basta, o que pode ser modificado para a melhoria das relações interpessoais no espaço escolar é a postura dos professores e demais funcionários da escola junto com a comunidade e com os alunos.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (2002), no Art.58 diz que: no processo educacional deve-se respeitar os valores culturais artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade de criação e acesso às fontes de cultura.

A escola deve ser um lugar onde cada aluno encontre a possibilidade de se capacitar para a concretização de seus projetos; por isso, a qualidade do ensino é condição imprescindível à formação moral dos alunos. Se não há a promoção um ensino de boa qualidade, a escola condena seus alunos a sérias dificuldades futuras na vida e, conseqüentemente, acabam por ter seus projetos de vida frustrados.

Contudo, ao lado do trabalho de ensino, o convívio dentro da escola deve ser organizado de maneira que, os conceitos de justiça, respeito e solidariedade sejam vivenciados e compreendidos pelos alunos como aliados à perspectiva de condições melhores de vida. Dessa forma, não somente os alunos perceberão que esses valores e as regras decorrentes são coerentes com seus projetos de felicidade como serão integrados às suas personalidades: se respeitarão pelo fato de respeitá-los (BRASIL, 1997).

De acordo com os PCNs (BRASIL, 1997), se o objetivo é formar alguém que procure resolver conflitos pelo diálogo, deve-se proporcionar um ambiente social em que tal possibilidade exista, onde possa de fato, praticá-lo. Pois, quando a escola assume o compromisso de formar um sujeito que se solidarize com os outros, deve oferecer condições para que ele possa experienciar o convívio organizado em função desse valor.

Conforme os PCNs (BRASIL, 1997), a função da instituição escolar é educar o indivíduo para a prática da democracia, proporcionando-lhe oportunidades para esse exercício. Para tanto, ele deve ter o direito de expressar suas opiniões e de submeter suas idéias e propostas a avaliação de outros, levando-o a conquista do respeito próprio, que implicará num ambiente no qual o aluno possa se sentir valorizado e respeitado. Ainda segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), em relação ao desenvolvimento da racionalidade, deve-se acolhê-lo num recinto em que tal capacidade seja estimulada. A escola pode ser esse lugar.

Daí vale ressaltar, a necessidade do diálogo como um instrumento de comunicação, argumentação e entendimento entre as pessoas. Dialogar implica em ouvir o que outro tem a dizer, e também, ser ouvido e compreendido. Neste sentido, cabe à escola formar cidadãos capazes de saber dialogar, valorizando o diálogo como forma de resolver os conflitos. A instituição escolar é um lugar propício para que se possa ensinar esse valor e aprender a traduzi-lo em ações e atitudes (BRASIL, 1997).

Portanto, o respeito mútuo, a justiça, o diálogo e a solidariedade devem ser abordados como conteúdos transversais e permanentes nas práticas escolares para que se possa construir um ambiente saudável, pacífico e favorável ao processo de ensino-aprendizagem.

Faz-se necessário à abertura do espaço escolar para a comunidade, visto que a violência diz respeito à sociedade como um todo. Assim as responsabilidades devem ser divididas entre educadores, família e comunidade, não pode ser um problema discutido restritamente no ambiente escolar, pois a escola deve contar com o apoio dos familiares e da comunidade na qual está inserida, para que juntos possam encontrar a maneira mais adequada de trabalhar a questão da agressividade de acordo com a realidade da escola. Para tanto, a conscientização de todo os envolvidos é imprescindível para promover a educação para a paz.

Nesta perspectiva, a relação escola x família é fundamental na promoção da paz, pois não há como evitar conflitos dentro do ambiente escolar se existe distanciamento entre a comunidade escolar e a comunidade a qual pertence à escola e a família. Assim, juntos poderão encontrar caminhos que levem a uma consciência de combate à violência, formando jovens preparados para o exercício de novas posturas e compromissos na construção de uma nova sociedade. Portanto, é necessário que tal projeto resulte de uma ação democrática, envolvendo a todos, respeitando os diferentes interesses, adotando uma política de negociação coerente para encontrar respostas que resultem na redução dos conflitos sociais.

A escola como espaço social não pode dar lugar a violência, pois sendo ela um local onde a produção de conhecimento e de cultura se realiza, precisa construir novas posturas e compromissos em toda a comunidade escolar, que conseqüentemente, poderá chegar à concretização de uma nova ordem social de paz e equidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, I.P.. **Uma possibilidade contra a violência: a educação para a paz como tema transversal**. Revista da FAEEBA, Salvador, nº 14, p. 21-28, jul. /dez., 2000.

ATAÍDE, Y.D.B. **Educação e a cultura da paz**. Revista da FAEEBA, Salvador, nº 13, p. 11-18, jul. /dez., 2000.

ÁVILA, I. A. **Pré-escolar: 3º período**. Belo Horizonte: Cultura Editora Universidade, 1997.

BALLONE, G.J. **Componente biológico da agressão**. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/forense/biocrime.html>. Acesso em: 16 de nov. 2004.

BOCK, A.M. B. **Psicologias**. 10ªed. São Paulo: Saraiva, 1997.

BRASIL Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. **Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990)**. Brasília: Ministério da Justiça, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: formação pessoal e social**. 3v. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CHAGAS, P. **A agressividade no crescimento**. Disponível em: http://caracol.imaginario.com/paragrafo_aberto/pc_agressividade.html. Acesso em: 15 de mar. 2004.

CLAIRE, C. **A violência na escola**. 2ª Ed. Vol.: 5. São Paulo: Summus Editorial, 1989.

CORSINI, C.F. **É agressivo ou está agressivo? Eis a questão**. Disponível em: <http://www.nib.unicamp.br/svol/agres.htm>. Acesso em: 15 de mar. 2004.

FROMM, E. **Anatomia da destrutividade humana**. 2ªed. São Paulo: Guanabara, 1982.

JARES, X.R. **Educar para a paz e para a cidadania democrática**. Revista Pátio. Ano VI, nº 21, mar./jul. 2002.

OLIVEIRA, S.N. **Família e educação escolar no contexto neoliberal**. Revista da FAEEBA, Salvador, nº 11, jan./jun.,1999.

ROST, M.E. L. C. **A agressividade no cotidiano escolar**. Disponível em: < <http://www.facosfacad.com.br/ped/art2003/19.doc>. Acesso em: 12 de fev., 2004.